

# CARA-PÁLIDA

Ela é a primeira mulher “civilizada” a viver no Xingu. Casada há 32 anos com Orlando Villas Boas, Marina foi enfermeira da reserva indígena quando o lugar ainda era completamente isolado do mundo. O seu trabalho salvou a vida de centenas de índios. Aos 64 anos, mãe de dois filhos, ela vive hoje em São Paulo – sobreviveu a 12 anos de selva e 40 malárias

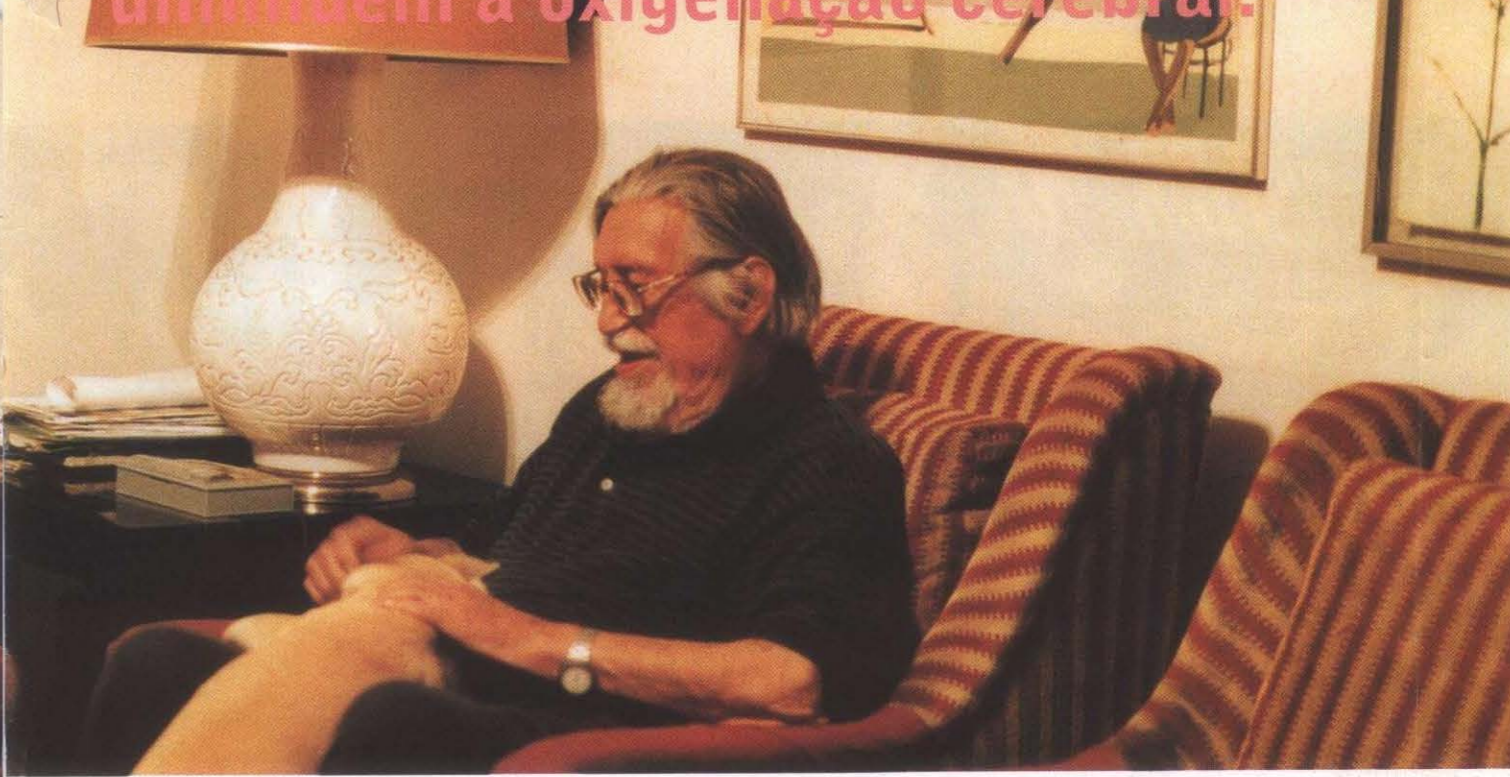


Marina chegou a participar de pajelanças, enquanto faziam a degustação de um cigarro me senti leve, desligando das coisas que com medo de me intoxicar. Essas coisas



ELA, ORLANDO E A VIRA-LATA TICA NA SALA DA CASA DOS TRÊS, NA CITY LAPA, EM SÃO PAULO

Em volta de uma fogueira, índios oravam rro alucinógeno. “Quando experimentei, estavam por perto”, lembra. “Mas fiquei diminuem a oxigenação cerebral!”



“Pára! Pára! Pára!”, berrou Marina para os kamaiurás que tentavam arrancar a cabeça do índio Kalacumã a golpes de borduna. Enfiando-se no meio da confusão, arrastou-o até a enfermaria. Aplicou-lhe soro e primeiros socorros, mas ele não resistiu. Kalacumã, o feiticeiro da tribo dos uauetis, estava deitado na rede minutos antes quando seus inimigos invadiram a maloca armados com arcos, lanças e espingardas. Levou a primeira flechada e, agonizante, correu para a casa de Marina. Ao perceber o corre-corre, Marina agarrou Villinha, seu filho de dois anos, e o entregou ao funcionário da Funai recém-chegado. “Foge com ele pro mato!”, gritou ao estranho. “Foge com ele pro mato!” Quase ao mesmo tempo, Marina se atirou em direção a Kalacumã e afastou os kamaiurás de cima dele. O índio morreu sob seus cuidados minutos depois.

A cena aconteceu há 30 anos, mas continua vivíssima na memória da enfermeira aposentada Marina Villas Boas, 64. Casada com o sertanista e indigenista Orlando Villas Boas, 86, ela foi a primeira mulher “cara-pálida” a viver onde hoje fica o Parque Indígena do Xingu, uma região de 28 mil quilômetros quadrados no norte do Mato Grosso. Em 1963, aos 26 anos e solteira, ela chegou ao local para tomar conta da enfermaria do posto Leonardo, a sede do Parque. Foi a convite do próprio Orlando, que havia criado a reserva dois anos antes – um pedaço de chão cercado de verde e isolado do mundo.

Miúda, a voz doce, Marina parece ter herdado do contato com os índios a sua simplicidade quase caricata. Por seu pioneirismo, esquiva-se de qualquer elo-

gio. “Apenas aproveitei a oportunidade profissional que tive”, desdenha. “Orlando sim é um herói.” Se o legado dos irmãos Claudio, Leonardo e Orlando Villas Boas tem um inestimável valor antropológico e social – devido ao contato inicial com os índios da região, em 1943, e à preocupação com eles nas décadas seguintes –, a presença de Marina no Xingu garantiu a sobrevivência de muitas tribos. Quando chegou ao local, a malária matava muita gente que não tinha nenhuma instrução sobre o assunto. Ela própria, na obstinada tarefa de curar, foi vítima da doença quarenta vezes.

#### “Quería conhecer um mundo diferente”

Marina conheceu Orlando Villas Boas em 1961. Trabalhava no consultório do cirurgião Murillo de Oliveira Villela, em São Paulo, e foi incumbida de lhe aplicar algumas vacinas. Por coincidência, o sertanista buscava alguém da área de saúde para trabalhar no Xingu e pediu uma indicação a Murillo. “Tenta com a Marina, quem sabe ela quer ir?” Orlando tentou e Marina aceitou na hora. “Quería conhecer um mundo diferente”, conta a enfermeira.

Nessa época, Marina já tinha boa experiência profissional. Nascida em Borborema (SP), em 1937, formou-se em enfermagem aos 21 anos. Morava na capital paulista com a irmã Lucy, também enfermeira, quando passou num concurso público da Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (Febem). Aos 24 anos, foi trabalhar no consultório. Típica moça de classe média baixa em busca de sorte melhor na cidade grande, Marina

demorou para contar à família que iria tomar o caminho do mato. “O fato de uma moça sair da cidade naquela época”, conta, “era uma aberração.”

Depois de três dias de viagem num vôo pinga-pinga da FAB, Marina finalmente chegou ao Xingu num fim de tarde chuvoso. Cansada, mal teve tempo de observar seu novo mundo e foi deitar no rancho, um tipo de galpão de madeira coberto de sapé e aberto nas laterais. Ali só havia redes, todas amarradas a um esteio central numa de suas extremidades. “A chuva parou e fiquei observando a mata, o rio e a lua”, lembra ela. Pela manhã, Marina finalmente pôde ver melhor o que a esperava: ao redor da clareira, do tamanho de um campo de futebol, ficavam também a cozinha coletiva, o refeitório, a enfermaria e o escritório de Orlando. Uma casa estava sendo construída para acomodar hóspedes. Atrás dessas construções, oito a dez malocas foram erguidas para abrigar os índios a serem tratados. Corria ao lado o rio Xingu. Envolvendo todos e separando suas vidas do resto do mundo, a espessa floresta.

Logo Marina sacou o que significaria ser uma enfermeira naquele buraco. No primeiro dia de trabalho, encarou uma fila de índios à sua porta reclamando de dor de dente, febre, dor de barriga e de cabeça – sintomas de malária. Nos dias que se seguiram, deu pontos em machucados, fez obturações, transfusões. Perdeu a conta, mas foram mais de cem os partos que fez. Cansou de ouvir as palavras *omulu* e *poti-poti*, febre e dor de barriga. No seu “PS” incrustado na selva, tinha uma modesta farmácia, um microscópio, uma mesa para pequenas cirurgias e outra para partos, mais um gabinete

dentário. Quando não podia receber os índios no posto, principalmente os que viviam a centenas de quilômetros, Marina chegava às aldeias no teco-teco ou no barco que serviam a Orlando. Às vezes, dormia nas tribos e, se fosse preciso, dividia as tarefas com o pajé – ela dava o remédio, ele rezava. No final, conta, “a glória pela cura era toda dele”. Em algumas dessas situações, chegou a participar, inclusive, das pajelanças – os rituais de cura comandados pelos pajés. Em volta de uma fogueira, eles oravam enquanto faziam a degustação de um cigarro alucinógeno. “Quando experimentei, me senti leve, desligando das coisas que estavam por perto”, explica Marina. “Mas fiquei com medo de me intoxicar. Essas coisas diminuem a oxigenação cerebral.”

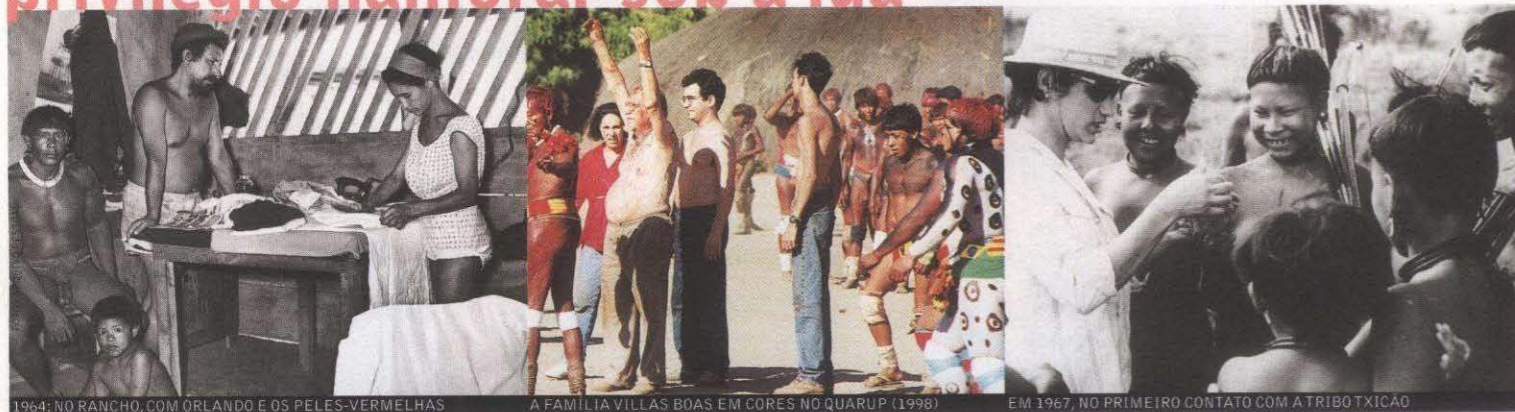
#### “Eu fui para lá virgenzinha”

De 1963 a 1967, Marina foi a única mulher a viver no Xingu. Além dela, moravam lá Orlando e dois caboclos que auxiliavam nos serviços gerais. Depois desse período, algumas enfermeiras passaram a acompanhar os médicos visitantes. Quem pensa que ela se sentia sozinha ou envergonhada no meio dos homens engana-se. “Eu era paparicada sempre”, conta. “Me sentia bem protegida.” Na maior parte do tempo, Orlando era o único interlocutor de Marina, e ela, única interlocutora de Orlando. Acordavam juntos, almoçavam juntos, tomavam banho no rio juntos e, à noite, jogavam cartas – juntos, claro.

– Eu fui para lá virgenzinha – diz Marina. Fomos nos afeiçoando e acabamos namorando.

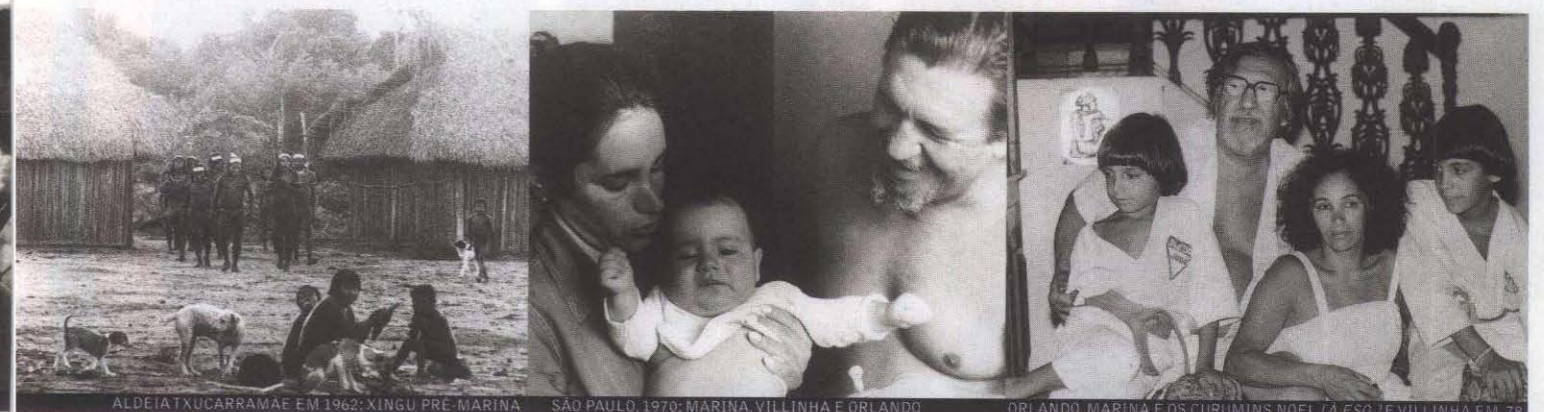


**Agora de tomar banho, Marina recorria às toda hora, raramente tomava banho nua. insinua, “porque a sociedade é mais liberal de com Orlando, saíam de barco e sentavam privilégio namorar sob a lua”**



1964: NO RANCHO, COM ORLANDO E OS PELES-VERMELHAS A FAMÍLIA VILLAS BOAS EM CORES NO QUARUP (1998) EM 1967, NO PRIMEIRO CONTATO COM A TRIBO TXICÁO

**águas do Xingu. Como havia gente por perto a “Se vivesse lá hoje, talvez eu até tomasse”, do que naquela época.” Para ficar à vontade nas praias do rio. “Só os dois”, diz. “Era um**



ALDEIA TXUCARRAMAE EM 1962: XINGU PRE-MARINA SÃO PAULO, 1970: MARINA, VILLINHA E ORLANDO ORLANDO, MARINA E OS CURUMINS NOEL (À ESQ.) E VILLINHA EM 78

— É conversa fiada, nós começamos a namorar em São Paulo! — discorda Orlando.

— Não, Orlando, você vai me desculpar, mas foi no Xingu. A verdade é a seguinte: de um lado, eu via o rio, a mata e, do outro, você, Orlando!

— Eu sabia que você era uma boa enfermeira e, quando disse que iria te convidar para trabalhar no Xingu, você topou na hora — insiste ele.

Segundo Orlando, desde São Paulo eles já namoravam. À moda bem antiga. Marina morava com amigas e ele ficava sob a janela “fazendo sinais e paquerando da rua mesmo”. Uma vez Orlando comprou um perfume para lhe dar de presente. “Mas ficou receoso de que ela achasse que o mimo era um agradecimento pelas vacinas que ela lhe aplicou”, conta o amigo Murilo Villela. Aos 48 anos, o sertanista estava apaixonado pela moça de 26. “É, até acho que ele estava meio de olho em mim”, diz ela. “Mas acabou dando o perfume para uma sobrinha...”

No dia-a-dia do Xingu, Marina tinha os mesmos deveres de qualquer dona-de-casa: cozinhava, lavava roupa (no rio) e ensinava as índias a mexer com linhas, tecidos e agulhas. Com elas, também aprendeu a ralar mandioca, fazer redes e trabalhar com fibras de buriti. Via índios nus para lá e para cá, mas vestia roupas. No máximo colocava maiô ou biquíni, mas preferia calça comprida e botas “porque lá tem mosquito demais e o sol queima muito”. Vaidosa, gostava de “pintura”, esmalte, e de manter os cabelos minimamente arrumados — para isso, pedia às índias que os cortassem. Nunca

deixou de usar perfume. Quando ficava menstruada, recorria ao estoque de absorventes que chegava de avião junto com os suprimentos e remédios. Na hora de tomar banho, recorria às águas do Xingu. Como havia gente por perto a toda hora, raramente se banhava nua. “Se vivesse lá hoje, talvez eu até tomasse”, insinua, “porque a sociedade é mais liberal do que naquela época.” Para ficar à vontade com Orlando, saíam de barco e sentavam nas praias do rio. “Só os dois”, diz Marina. “Era um privilégio namorar sob a lua, o maior sossego.”

#### “Como é, Orlando, vai casar comigo ou não vai?”

“Eu via eles fazendo tudo juntos e achava que Marina já era esposa de Orlando desde que ela chegou no Xingu”, conta o índio Megaron Txucarramãe, que, quando era criança, trabalhou com Orlando e hoje, aos 50 anos, é o administrador regional da Funai em Colíder (MT). Apesar de viver ao lado de Orlando, Marina queria casar de papel passado e ter filhos. Mas, toda vez que falava em casamento, Orlando desconversava. Até que um dia, em 1969, deu o ultimato: “Como é, Orlando, vai casar comigo ou não vai?”. Se a resposta fosse não, pensou, tomaria o caminho de volta. “Estava decidida a ir embora de verdade”, diz Marina. Pressionado, finalmente Orlando disse o “sim!”. Pediram a um amigo para preparar os papéis em Goiânia, embarcaram no teco-teco e voltaram ao Xingu marido e mulher.

Um ano depois, Marina ficou grávida. Queria ter o filho no Xingu, mas,

como a gravidez aos 33 anos oferecia algum risco, viajou para São Paulo, onde nasceu Orlando Villas Boas Filho, o Villinha. Quando ele completou seis meses de vida, Marina voltou ao Xingu. Queria criá-lo à maneira dos índios, sem nenhum tipo de repressão. Mas viu “que isso funciona bem apenas em uma sociedade como a deles” e, por querer que o filho frequentasse a escola, decidiu deixar o Xingu em meados de 1975. No mesmo ano, em outra gravidez de risco, deu à luz Noel. Nunca abandonou o trabalho com os índios: de volta a São Paulo, passou a atuar no escritório da Funai. Continuou a viajar com frequência ao Xingu, onde Orlando ficou até 1984, mas se estabeleceu em definitivo na capital paulista. “Somos gente da cidade”, analisa. “Temos os costumes daqui.”

#### “Fernando Henrique até telefonou”

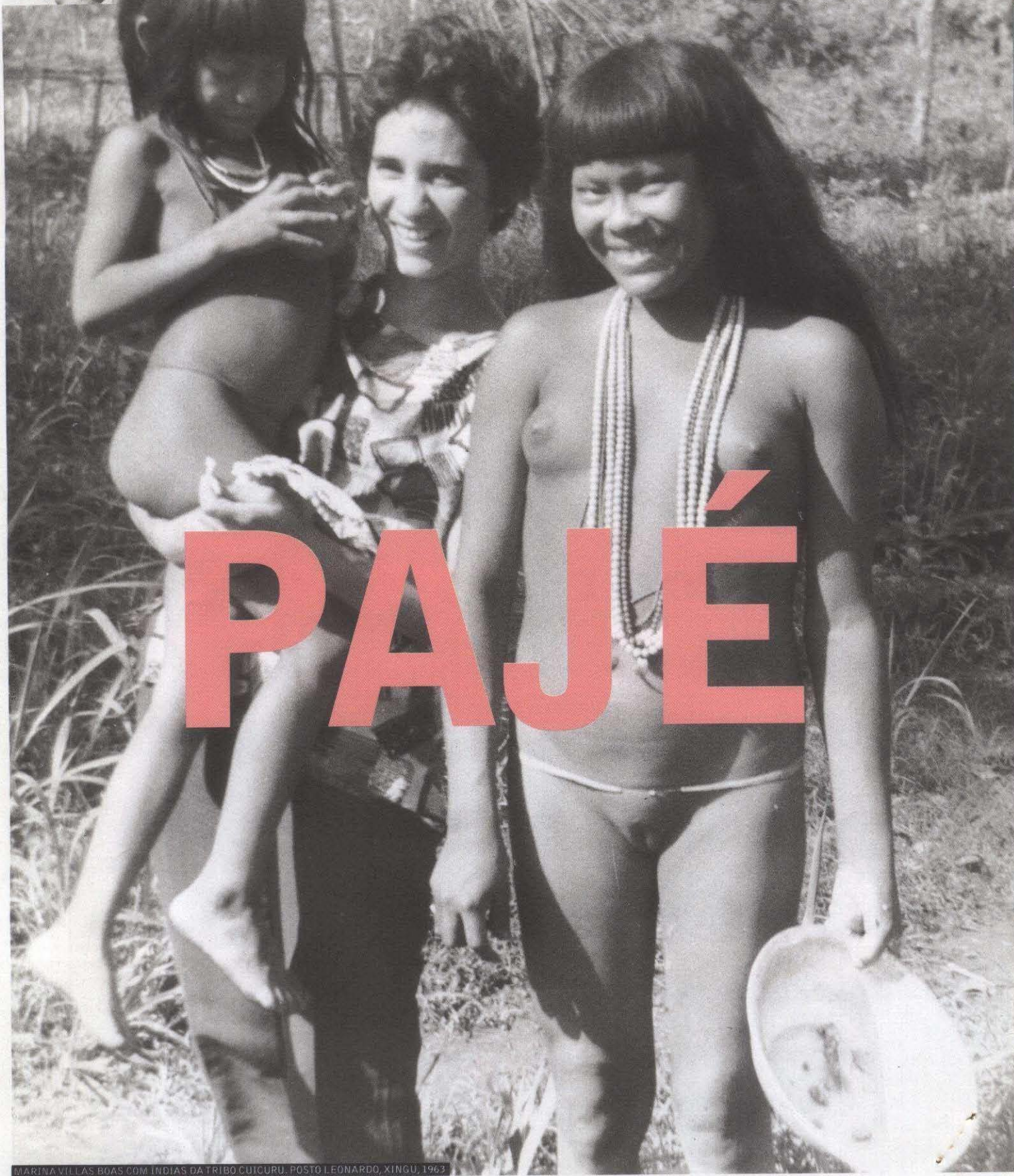
Aposentada desde 1984, Marina esteve no Xingu, pela última vez, há três anos. Assustou-se com o que viu: índios manuseando utensílios domésticos, vestindo roupas, guiando veículos. O cotidiano é muito parecido com o das pequenas cidades brasileiras. “Me chamou a atenção as filas de mulheres andando de bicicleta com crianças no bagageiro”, diz. Antes, elas carregavam tudo — filhos, animais e até a comida do marido — a pé. Agora há uma espécie de divisão de tarefas. Numa viagem, por exemplo, se a mulher leva a maior parte das coisas, o marido cuida da segurança. Na época de Marina, viviam numa sociedade em que o macho era o provedor e a fêmea não assumia nenhuma responsabilidade. “Hoje elas estão muito mais participativas”, diz. “Algumas são alfabetizadas e até opinam em decisões do dia-a-dia.”

Marina e Orlando vivem hoje numa casa de dois andares na região oeste de São Paulo com o fox paulistinha Waurá, a vira-lata Tica, a tartaruga Tatá e o filho Noel, estudante de Direito. Villinha, casado, tornou-se advogado. “Nossa casa é muito movimentada”, diz Marina. “É raro o dia em que acordo sem ouvir o telefone ou a campainha.” Ela ajuda Orlando a escrever sua autobiografia. Não gosta de comentar o episódio em que o governo suspendeu o pagamento de uma das aposentadorias de Orlando, no ano passado. “O Fernando Henrique até telefonou para pedir desculpas”, diz.

Na sala, estão expostas dezenas de fotografias e comendas concedidas a Orlando. Perdidas entre elas, Marina aponta para as duas únicas placas em sua homenagem: uma, entregue pela Polícia Militar, por ter participado de campanha antidrogas; e outra, dada pela Sociedade dos Estudos Municipalistas, em que é lembrada pelo trabalho com a comunidade do bairro em que mora. Num armário de madeira do século XVIII, Orlando guarda seu uísquino, regalia permitida pelos médicos que acompanham sua convalescença de um acidente sofrido no ano passado. Esposa e enfermeira, Marina não deixa que abuse nas doses. “Ela tem uma percepção muito aguçada para tratar as pessoas”, define a amiga Lila Martins, ex-primeira-dama do Estado de São Paulo. “Boa parte da sabedoria de Orlando deve-se à figura da Marina.” Mas Orlando raramente oferece uma dose de uísque à esposa. “Você nem gosta!”, resmungo o sertanista. “Gosto sim”, responde Marina. “Você é que regula, né, Orlando?”







# PAJÉ

MARINA VILLAS BOAS COM INDIAS DA TRIBO CUICURU, POSTO LEONARDO, XINGU, 1963